

ISABELA ARAÚJO MORAES

UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE TED BUNDY NO FILME
“TED BUNDY: A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL”



ISABELA ARAÚJO MORAES

**UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE TED BUNDY NO FILME
“TED BUNDY: A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Bacharel em Letras.

Orientador: Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.
2023

M827o	Moraes, Isabela Araújo UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE TED BUNDY NO FILME “TED BUNDY: A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL” / Isabela Araújo Moraes. -- Araraquara, 2023 50 p. : fotos Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara Orientadora: Marina Célia Mendonça 1. Bakhtin. 2. Autor. 3. Serial killer. 4. Audiovisual. 5. Enunciado sincrético. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ISABELA ARAÚJO MORAES

UM OLHAR BAKHTINIANO SOBRE TED BUNDY NO FILME “TED BUNDY: A IRRESISTÍVEL FACE DO MAL”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Marina Célia Mendonça

Data da defesa/entrega: 06/02/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça
UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Me. Luís Eduardo Santos Pereira
UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Profa. Ma. Alana Destri
UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a minha mãe, que me apoiou em todo esse processo, me escutando, lendo e me acalmando. Em segundo lugar a minha querida orientadora Prof. Dra. Marina Célia Mendonça, que com muito carinho e atenção me guiou durante todo o trabalho.

“It takes a special turn of mind to grasp formless reality in its essential nature and to distinguish it from the figments of the imagination which, all the same, thrust themselves urgently on our attention with a certain semblance of reality.”

(GOETHE, 1998, p.84)

RESUMO

O presente estudo propõe-se a refletir acerca da representação do serial killer Ted Bundy no longa-metragem de suspense dramático Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal, tendo em vista os estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin. Desenvolveu-se um trabalho analítico, dentro dos limites do trabalho monográfico, em que se observou como o autor, com sua visão transgrediente ao todo da obra e da personagem, faz escolhas que definem o conduzir da narrativa e a caracterização da personagem, direcionando-se a um interlocutor direto. Para isso, utilizou-se dos conceitos de autor, ideologia, diálogo, gêneros e enunciado sincrético para fins de embasamento da análise. Para fins metodológicos utilizou-se do cotejamento de textos, igualmente proposto por Mikhail Bakhtin. Por esse método foi possível notar a relação dialógica entre gêneros, em que se relacionam outros produtos culturais na construção do longa-metragem. Verificou-se também que o pano de fundo, por mais que o produto seja artístico, é mercadológico, em que, por um lado, se visa atender a um público já cativo e captar o interesse de outros interlocutores menos especializados, e, por outro, procura-se utilizar de mecanismos de cunho técnico cinematográfico para construir a tensão e dramaticidade na narrativa.

Palavras – chave: Bakhtin; autor; serial killer; audiovisual; enunciado sincrético.

ABSTRACT

The following study proposes to contemplate the serial killer representation of the drama thriller *Extremely wicked*, *Shockingly Evil*, and *Vile*, bearing in mind the studies developed by the Bakhtin Circle. Was developed as an analytical work, within the limits of a monographic work, in which it was observed how the author, with his transgressive view of the story and the character, makes choices that will conduct the narrative and character characterization, focusing on a direct interlocutor. With this goal in mind, to support the analyses were used the concepts of author, dialogue, genre, and syncretic utterance. For methodological purposes were use the text comparison, which is equally proposed by Mikhail Bakhtin. By this method, was possible to observe the dialogical relation between the genres, in which the cultural products relate to each other during the construction of the movie. It was also found that the background is merchandizing, even if it is an artistic product. It aims to attend to a captive audience and captivate a less specialized public, and on the other hand, it was use mechanisms of technical cinematographic nature to construct the tension and dramaticity of the narrative.

Keywords: Bakhtin; author; serial killer; audiovisual; syncretic utterance.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	20
Imagem 2	20
Imagem 3	22
Imagem 4	22
Imagem 5	24
Imagem 6	25
Imagem 7	27
Imagem 8	27
Imagem 9	28
Imagem 10	28
Imagem 11	31
Imagem 12	33
Imagem 13	33
Imagem 14	35
Imagem 15	38
Imagem 16	39
Imagem 17	40
Imagem 18	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EMBASAMENTO TEÓRICO	14
3 O <i>MODUS OPERANDI</i> DENTRO DO MULTISSEMIÓTICO - O gênero, o diálogo e suas perspectivas	19
3.1 Um Ted Bundy, várias faces	21
3.2 O autor e seus espectadores	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIA	48

1 INTRODUÇÃO

É inevitável admitir que desde que as temáticas criminais e de suspense surgiram no universo literário existiu um público fiel, que se mantém até os dias de hoje. Desde o advento das histórias góticas, com Edgar Allan Poe, o suspense e o terror ganharam cada vez mais espaço nas estantes, e com o advento do gênero dentro das grandes telas a expansão atingiu níveis substanciais, ganhando uma legião de fãs e consumidores do produto. Espectadores ávidos pela sensação de surpresa (ou terror?) têm buscado novas experiências e o mercado cinematográfico tem respondido de forma ávida às demandas.

O universo cinematográfico ganha a cada dia mais novas séries e filmes que circundam as temáticas. Da mesma forma, o número de produtos audiovisuais que abordam a vida de Theodor Bundy e suas vítimas também cresceu e parece fascinar não só o público como também produtores e diretores. O grande interesse que parece existir dentro da temática é questionado inclusive por Joe Berlinger, diretor de *Ted Bundy: A Irresistível Face do Mal* (2019) e *Conversations with a Killer: Ted Bundy Tapes* (2019). O diretor afirma, em entrevista ao BUILD Series (2019), que o fascínio em relação a Bundy diz muito sobre o estereótipo criado sobre pessoas como psicopatas, sociopatas e assassinos, de que são pessoas reclusas, antissociais, fisicamente deformadas, e com passados conturbados. Bundy é o completo contrário disso, por isso surpreende. Ele possuía uma vida relativamente estável, com um trabalho e relacionamentos, além de ter sido considerado uma pessoa atraente. Ainda segundo o diretor, aí reside a importância de contar sua história e desmistificar a ideia preconcebida de que esses tipos de crimes são cometidos por pessoas à margem da sociedade, ou seja, excluídas do convívio social (“outcasts”, segundo o diretor), uma vez que Ted era, aparentemente, um homem comum, e estava longe de todo o estereótipo criado. Segundo Berlinger, é interessante ressaltar que sua intenção ao contar a história, é trazer para além dessa crítica, a visão das principais vítimas do convívio com Bundy, Elizabeth e sua filha Molly.

O filme, portanto, conforme o diretor, apresenta uma nova visão, dentre as já apresentadas em outras produções, uma vez que não possui o foco no assassinato em série, mas sim na perspectiva de uma vítima do relacionamento com ele, Liz. O longa-metragem, assim, busca retratar os momentos de conflito interno pelo qual passa a protagonista durante os anos vividos ao lado de Ted, que a levaram ao consumo abusivo de bebidas alcoólicas e à depressão, retratados de forma detalhada por Kendall (2020). Também são apresentados

momentos-chave da vida de Bundy, como seu julgamento, prisão e fugas, e como esses refletem na vida da protagonista.

O longa-metragem em questão, *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal*, foi lançado nos cinemas em julho de 2019, e meses depois na plataforma de streaming Netflix. Teve o roteiro escrito por Michael Werwie, o qual usou como base o livro *The Phantom Prince – My life with Ted Bundy* (de primeira publicação em 1981, e publicação mais recente atualizada e estendida em 2020), de Elizabeth Kendall. O filme, portanto, retrata Elizabeth, Liz (interpretada por Lily Collins), e sua filha Molly convivendo com Ted Bundy (interpretado por Zac Efron), durante mais de 2 anos sem a mínima suspeita dos crimes cometidos por ele.

Dentro do *corpus* exposto acima propõe-se como objetivo geral da pesquisa analisar como é feita a construção da personagem principal, Ted Bundy, pelos olhos do autor, observando se a mesma reitera valores propagados em outras produções. Dessa forma, tem-se como objetivos específicos: perceber a interpolação do longa-metragem de suspense/drama com outros gêneros e o subsequente diálogo para com outros produtos midiáticos de mesma temática, e observar, com um olhar crítico para como o filme estabelece relação para com o seu interlocutor pressuposto. A análise dessas questões será feita no material contido nos diálogos, gestos, tom de voz e cenário utilizado no longa na construção da personagem, tendo como suporte teórico-metodológico a análise dialógica do discurso.

De forma a embasar a análise proposta, realizou-se a análise crítica do produto por intermédio dos conceitos difundidos pelo Círculo de Bakhtin. Parte-se do princípio de que o objeto analisado é multisemiótico, sendo assim, analisamos os aspectos que contemplam tanto o verbal, quanto o visual. Acerca disso Brait (2009) discorre largamente, afirmando que a coexistência dos dois em um único plano não traz indicativo algum de maior importância de um ou de outro, mas sim o contrário, ambos têm a mesma força e significatividade dentro da análise discursiva. Grillo (2012), convergindo com a fala anterior, complementa ainda que a coabitação dos dois em um único plano é responsável ainda pela criação de um novo todo de sentido, que não seria possível com o verbo e o visual isoladamente.

No que tange à união desses dois planos e a criação desse novo todo de sentido, deve-se dizer que este não se constrói de forma desorganizada, uma vez que segue regido pelos moldes de um gênero do discurso, o longa-metragem de suspense/drama. Dentro de aspectos relativamente estáveis que compõem o gênero suspense/drama, como o diálogo, recorte de cena, iluminação, gestos, música e outros mecanismos, é que se desenvolve a narrativa. Narrativa essa que não existe sem o diálogo, e o diálogo a que nos referimos aqui não é o contato entre as personagens, mas sim o diálogo que existe no entremeado de discursos, no

movimento de referência. Quanto a esse aspecto, discutido por Bakhtin, Fiorin (2011) afirma que não existe objeto algum que não esteja permeado ou seja composto por outros discursos, uma vez que todo e qualquer sujeito está disposto em constante contato e reação a outros discursos, e assim também está o produto analisado aqui.

Esse constante diálogo existente, ora interno, ora externo, traz consigo as vozes sociais que engendram os discursos que permeiam o todo de significado. É por meio delas que se constroem os valores que irão compor todo e qualquer discurso existente, vozes estas que segundo Brait (2005) irão edificar o discurso individual e ecoarão nos signos ideológicos presentes no produto final.

Tratando-se ainda dos conceitos utilizados ao longo da análise, não se pode deixar de mencionar dois aspectos: a relação autor e herói e a relação produto cultural e interlocutor. Quanto à primeira relação, Bakhtin (2011) afirma que o autor é responsável não apenas pelo todo de sentido da obra, mas também pelo todo de sentido da personagem, e sobre esses todos o autor conta sobre características e fatos próprios da obra, desvinculadas do autor como pessoa, em que se procura enfatizar aspectos e particularidades da personagem. No que tange à relação entre produto final e interlocutor, essa é inerente a toda produção, seja ela audiovisual ou não, uma vez que todo discurso, segundo Volóchinov (2019) é direcionado para outra pessoa, em que se entende que ocorrerá a compreensão do todo de significado por meio da relação contratual entre espectador e autor.

No que tange à metodologia utilizada na análise do material multissemiótico, utilizou-se do cotejamento de textos, proposto por Bakhtin (2011) e discutido por Geraldi (2012). Dessa forma, entende-se que ao cotejar um texto seja possível dar contextos para que um texto se relacione com outros, “[...] recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem.” (GERALDI, 2012, p. 33).

A relevância do presente estudo reside, primeiramente, na riqueza de material que *Ted Bundy: A Irresistível Face do Mal* (2019) fornece para análise dialógica do discurso, segundo um viés pautado nos conceitos difundidos pelo Círculo de Bakhtin, tanto no que concerne às relações dialógicas do filme com outras produções cinematográficas e literárias, quanto à temática do *true crime*, mais especificamente do *serial killer*, bastante recorrente nas produções audiovisuais contemporâneas. Só entre os anos de 2016 e 2020 a Netflix, plataforma de *stream* mundial, disponibilizou em seu catálogo por volta de 20 títulos que abordam *true crime*, dentre eles 2 contemplam a vida de Theodor Bundy. Os títulos se

apresentam de forma diversificada, filmes, séries, documentários e minisséries. A Globoplay, serviço de *stream* da emissora brasileira Globo, segue o mesmo caminho e no ano de 2022 já conta com documentários de assassinatos, como o de Gianni Versace, documentários sobre assassinos em série, como Ed Kemper, entre outros títulos que abordam a temática do suspense, terror e assassinatos de forma diversa como: *Killing Eve*, *Porque as Mulheres Matam* e *Confrontig a Serial Killer*.

Por fim, por questões organizacionais, o estudo estará disposto da seguinte forma: inicialmente discorreremos de forma mais aprofundada sobre os conceitos utilizados para a análise do *corpus*, em seguida, existe uma seção em que sobrevoamos o *corpus* da pesquisa. A seguir existe o primeiro capítulo de análise, em que se tratou da construção da personagem Ted Bundy e como ocorre o diálogo do filme para com outras representações midiáticas; no segundo capítulo nos atentamos a esmiuçar como ocorre o diálogo da produção com o interlocutor pressuposto e quais as consequências desse movimento para o todo de sentido, e por fim amarramos com um capítulo de conclusão, no qual procuramos traçar os detalhes finais.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

O presente estudo tem por objetivo analisar a representação do assassino em série Ted Bundy no longa-metragem *Ted Bundy - A irresistível face do mal*. Para isso, se faz necessário o amparo de aspectos teóricos que sustentem as reflexões acerca da representação da “persona” de Ted Bundy. Dessa forma, os conceitos amplamente difundidos pelo Círculo de Bakhtin, que inclui não apenas Mikhail Bakhtin que carrega o nome do círculo, mas também Valentin Volóchinov e outros autores, auxiliaram e forneceram ferramentas para esmiuçar o universo multissemiótico do filme.

Parte-se do princípio de que o objeto de estudo não é só o texto, mas sim o verbo-visual, no qual há “(...) um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, o verbal e o visual.” (BRAIT, 2009, p. 143), ou seja, em conjunto executam uma função, um propósito determinado pelo autor, para com a obra e seus espectadores. Dessa forma, o foco no trabalho para com a dimensão verbo-visual, segundo Grillo (2012), está no entremeado dos planos, verbal e visual, atentando-se para os detalhes que existem dentro da produção de sentidos de cada um e como juntos são responsáveis por criar um todo de sentido com novos significados.

Tendo em vista a determinação do que se trata o produto analisado, o primeiro conceito que cabe ser discutido é a questão do enunciado concreto, composto por diferentes linguagens. As falas das personagens, ou seja, os enunciados verbais que compõem essa manifestação multissemiótica “(...) refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo (...)” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Dessa maneira, o longa, inserido em um contexto sócio-histórico, o da época de sua produção e o da época dos acontecimentos retratados, traz consigo um estilo próprio de linguagem verbal e diversos outros recursos visuais, gestuais, que o enquadram dentro da produção cinematográfica e atendem aos requisitos mercadológicos dessas produções, dentro do campo de filmes sobre o tema dos assassinos em série.

À vista disso, da mesma forma como as cenas do filme retratam esse recorte, assim também fará a linguagem verbal, uma vez que se encontram interligadas e devem ser analisadas como tal, como um todo de sentido. Acerca disso, Brait (2009) afirma que, “Esse conceito ultrapassa a dimensão verbal, reconhecendo o visual, o verbo-visual, o projeto gráfico, como participantes da constituição de um enunciado concreto (...)” (p.144).

Para realizar essa construção existe uma base que a rege, essa base são os gêneros do discurso. Por mais que seja óbvia a constatação de que exista um gênero regente, aqui também

reside a dificuldade de definir qual o gênero que se sobressai, dentro do conglomerado de gêneros intercalados no longa. Essa dificuldade fica evidente uma vez que nem mesmo as plataformas de *streaming* que possuem o filme conseguem defini-lo apenas com um gênero apenas. No ano em que foi realizada a pesquisa o filme estava disponível em três plataformas: *Apple TV*, *Amazon Prime* e *YouTube*; entretanto, por mais que o produto seja o mesmo a classificação adotada por cada uma das plataformas é diferente, sendo elas: Policial, suspense/drama e drama, respectivamente. E quando nos direcionamos para *sites* já conceituados como o *IMDb* (2019), o mesmo o classifica como biografia, policial, drama e suspense. Esse fato só nos mostra que a dificuldade foi encontrada não apenas na pesquisa, mas de forma geral. Isso se deve em razão da própria complexidade dos gêneros e como esses se unem de forma tão hermética que, dificilmente, dentro de um produto final, podem ser desmembrados.

À vista disso, para que fosse possível estudar o longa de forma eficiente, optou-se por classificar o gênero do produto audiovisual, dentro deste trabalho, como longa-metragem de suspense/drama. Essa escolha se deve em razão da alta carga dramática e emocional encontrada no filme, a qual é trabalhada em consonância com a incerteza e tensão, o que leva a crer que os gêneros prevalentes são estes, o drama e o suspense.

Dessa maneira, o longa-metragem de suspense/drama, dentro de suas particularidades deve ser entendido como um gênero do discurso, apesar de não se enquadrar dentro do que convencionalmente seria entendido como gênero do discurso - como os gêneros totalmente escritos, como romances, cartas e poemas, a classificação ainda se justifica, uma vez que, segundo Bakhtin (2011, p.262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Dentro de características relativamente estáveis, que envolvem o gênero longa metragem suspense/drama é que se desenvolve a narrativa contada. Por meio dos diálogos, expressões faciais e gestuais, movimentação de cena, flashbacks, edição de imagem e outros mecanismos próprios do campo cinematográfico, desenrola-se a narrativa do filme, estabelecendo paralelos para com outras narrativas que o permeiam.

Quanto a esse aspecto de discursos que estão embebidos dentro da narrativa, deve-se salientar primeiramente que o filme é resultado de uma transposição, que nada mais é do que a passagem de um produto de um sistema de veiculação para outro, ou seja, a narrativa

desenvolvida por Elizabeth Kendall em *The Phantom Prince - My life with Ted Bundy*, sofre modificações para que se enquadre dentro do sistema audiovisual, resultando no filme *Ted Bundy - A irresistível face do mal* (2019). Dentro dessas modificações Segundo Guzzi (2020), existem cortes e acréscimos, sendo esses motivados pela visão do autor para com o texto fonte e o roteiro, tendo em vista suas experiências anteriores e os outros materiais já produzidos acerca da temática, que no que tange ao assassino em série Ted Bundy, as produções são extensas e continuam a aparecer e se propagar.

Esse movimento de referenciação que ocorre dentro do filme diz respeito às vozes que perpassam o material audiovisual, o discurso alheio que se faz presente dentro dele, e quanto a isso, pode-se afirmar que “(...) o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio.” (FIORIN, 2011, n.p). Sendo assim, se fazem presentes no longa-metragem respingos de outras manifestações artísticas sobre o tema, como filmes já existentes, a visão do autor sobre o tema e suas respectivas visões acerca dele, trazendo seu ponto de vista para o produto, e ainda, traços do texto de origem, que embasam o roteiro e que por sua vez modificam os dois aspectos anteriores.

Logo entende-se que o filme é resultado de um diálogo, assim como qualquer objeto, uma vez que “Não há um objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos.” (FIORIN, 2011, n.p). Diálogo de uma tríade: autor, texto base e outras produções; em que dentro desse conglomerado manifestam-se dissonâncias e convergências entre os mesmos, uma vez que cada aspecto está envolto e permeado por outras vozes, que dizem respeito a um determinado recorte de tempo e espaço, de aspectos sócio-históricos particulares. Dado que “A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em reação com outros(s). O sujeito vai constituindo-se discursivamente apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso e, ao mesmo tempo suas inter-relações dialógicas.”(FIORIN, 2011. n.p), e assim também se faz o discurso presente dentro do longa. Resultado de uma trama de discursos alheios, o longa-metragem constrói uma outra visão, trazendo à luz um novo discurso, que só é possível por meio do diálogo para com a tríade que o origina.

Dentro deste lugar de representações entende-se que

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social - seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo - mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91)

Dessa forma tem-se em mente que o produto de consumo é em si um signo ideológico, trazendo consigo outros diversos, uma vez que, “O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93). Ocupando um lugar específico dentro do campo ao qual pertence, este produto não só refrata e reflete a realidade, como também faz parte da mesma, dialogando com outros textos e produtos midiáticos próprios da época ou campo em que está inscrito.

Como o longa-metragem é composto várias linguagens, entre elas a visual e a verbal, pode-se direcionar a ambos de forma isolada e conjunta, dado que é nos signos que os mesmos apresentam que será possível perceber as vozes que circundam a produção, visto que “Vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológicas entre passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios.” (BRAIT, 2005, p.172). É analisando o entremeado de discursos presentes no longa que se nota a diversidade de vozes sociais que compõem a autoria presente no produto final. Nota-se sobretudo que é dentro da palavra que “(...) se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106), o que deixa claro que é por meio dela que se propagaram, em sua grande maioria, as vozes sociais.

Quanto ao visual, assim como na palavra, também se manifestam as ideologias que engendram a produção, deixando claro por intermédio dos mecanismos visuais, os valores, vozes e intenções de forma subentendida para o interlocutor. Deve-se ressaltar que, em razão da realidade do longa-metragem, compostos pela construção concomitante do verbo-visual, aqui eles “(...) nascem ao mesmo tempo e constroem os sentidos, os efeitos de sentido juntos, desde o berço.” (BRAIT, 2013, p. 53), entretanto isso não incapacita a leitura dos dois de forma separada, o que acontece é a construção de um novo sentido pela fusão dos dois, ocorrendo um diálogo entre o que expõe o verbo e o que apresenta o visual, em que um pode reafirmar o outro, ou ainda, contrastarem entre si.

É através de todos os conceitos citados acima que trabalha o autor. E é por meio desse trabalho que o autor “(...) acentua cada particularidade da sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, (...)” (BAKHTIN, 2011, p. 3). O autor só é capaz de realizar isso, pois tem controle do todo da personagem, vivenciando a obra criada, ou seja, “(...) é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada

elemento particular desta.” (BAKHTIN, 2011, p. 10). Esse controle deve transgredir as linhas da obra, dado que ao mesmo tempo que é a “consciência da consciência” da personagem, ele enxerga o que essa não pode enxergar, e assim orienta-a e movimenta-a dentro do todo: “(...) o autor conhece e enxerga mais não só no sentido para onde a personagem olha e enxerga, mas também em outro sentido, que por princípio é inacessível à personagem: é essa a posição que ele deve ocupar em relação à personagem.” (BAKHTIN, 2011, p. 12). É com esse movimento de ser consciência, de ser eu da personagem, e também ser Outro, por possuir o “excedente da visão”, ou seja, a visão que a personagem não consegue ter de si, que o autor constrói o todo da personagem.

É óbvio que todo o trabalho do autor na composição do todo da obra se torna vazio sem a existência do público para quem se direciona, e como produto de consumo, o longametrageo dirige-se ao seu consumidor direto. Tendo como ponto de partida que todo e qualquer discurso se direciona a um público, da mesma forma isso ocorre com o longa. Fruto de um diálogo de discursos e vozes, o longa estabelece um diálogo para com seu espectador, uma vez que “[...] todo discurso é um discurso dialógico orientado para outra pessoa, para sua compreensão e resposta real ou possível.” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 280, grifos do autor). É por esse viés que caminha toda e qualquer produção cinematográfica, direcionando-se para um grupo mais ou menos especializado, o longa procura cativar os espectadores e fazer com que a mensagem passada seja compreendida. Quanto a compreensão da mensagem deve-se dizer que essa “(...) não se reduz ao reconhecimento da forma usada, mas à sua compreensão em um contexto concreto, à compreensão da sua significação em um enunciado, ou seja, à compreensão da sua novidade e não ao reconhecimento da sua identidade.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 178).

Sendo assim, para a compreensão do todo de significado, o espectador deve passar da etapa de reconhecimento das palavras, imagens e signos, e passar para a compreensão do conteúdo que se encontra além do primeiro plano de exposição. Para que seja possível a execução desse processo, é feito um trabalho com a linguagem e plano visual, tendo em vista a orientação social e o tema abordado. É apenas por meio da percepção da orientação social, a qual “(...) determina a entonação da voz e a gesticulação - que dependem parcialmente do tema da conversação (...)” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 181) que se faz possível o estabelecimento de uma relação contratual com o espectador e sua consequente compreensão do todo de sentido.

3 O MODUS OPERANDI DENTRO DO MULTISSEMIÓTICO - O gênero, o diálogo e suas perspectivas

Partindo do preceito de que o objeto de análise é o longa-metragem *Ted Bundy - A Irresistível face do Mal*, cabe discorrer um pouco acerca do que se trata o filme, seu diretor e a recepção que teve pela crítica e pelo público em geral, para que assim possamos contextualizar o leitor sobre o material de análise.

Lançado em 2019, com 1h50 minutos de duração, o filme conta com um elenco já conhecido pelo público. Representando Ted Bundy há Zac Efron, ator que começou sua carreira com filmes da Disney e atualmente conta com um currículo diverso de filmes, em que, em sua maioria, atua como protagonista e galã. Zac contracena com a já conhecida Lily Collins, interpretando Liz Kendall, namorada de Ted, a qual também conta com um currículo extenso de filmes, e atualmente é reconhecida pela série da Netflix “Emily em Paris”. O filme ainda conta com vários nomes conhecidos pelo público, como a atriz Kaya Scodelario, os atores Haley Joel Osment, John Malcovich e Jim Parsons, e até mesmo com o vocalista da banda Metallica James Hetfield.

O filme é dirigido por Joe Berlinger, que possui uma larga experiência na produção de filmes que envolvem a temática do suspense. Diretor e produtor de documentários, Berlinger carrega em seu currículo produções mais recentes como: *Conversando com um Serial Killer: Ted Bundy* (2019), *Conversando com um Serial Killer: o Palhaço Assassino* (2022) e *Cenas do Crime - Mistério e Morte do Hotel Cecil* (2021). Entretanto os documentários não foram o que consolidou Berlinger dentro da temática dos assassinatos, ele foi diretor da série de filmes *O Paraíso Perdido*, uma série de filmes que acompanha a investigação e julgamento do caso de três homens, os quais foram acusados de assassinar 3 crianças em 1994. Joe Berlinger, segundo Entrevistador do IMDb, é considerado um pioneiro no ramo da abordagem de *true crimes*, filmes que relatam crimes que ocorreram, trazendo um tema tão polêmico para o grande público.

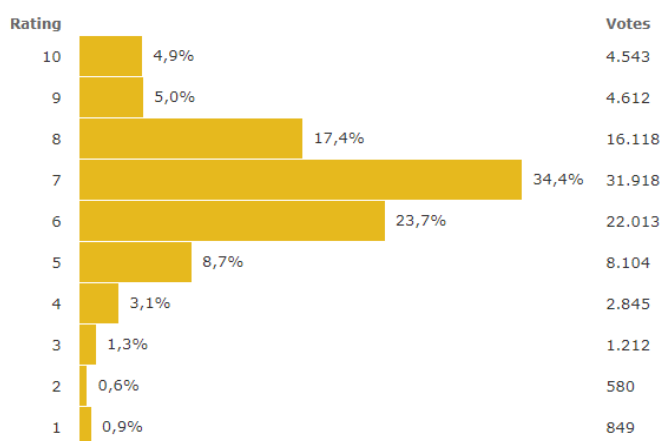
No presente filme da autoria de Berlinger analisado neste trabalho, o diretor traz para cena o relacionamento de Ted e Liz, pela visão de Liz. Com roteiro escrito por Michael Werwie, tendo como base o livro “The Panthom Prince: My Life with Ted Bundy” de Elizabeth Kendall, a proposta do diretor, segundo entrevista para IMDb (2019), é mostrar um novo lado da história já tão conhecida do *serial killer*, desta vez pela visão da pessoa que mais conviveu com Ted durante os anos, a própria Elizabeth Kendall. O filme traz momentos-chave da convivência de Ted e Liz, procurando contextualizar o público sobre o

relacionamento e suas principais consequências para a vida de Liz e sua filha Molly, além das vítimas do assassino.

Quanto à recepção do longa-metragem pela crítica, de acordo com os grandes veículos de crítica do exterior, o filme tem uma nota mediana. No site IMDb, o filme possui nota 6,7, já no site Rotten Tomatoes ele possui dois tipos de avaliações, uma do público em geral, que é 54% de aprovação, e outra dos críticos, que é de 38%. De forma geral, no Rotten o filme possui uma nota média de 3,4 de estrelas. No IMDb, nota-se um olhar mais quantitativo, já que se apresentam tabelas e gráficos das notas recebidas, como pode ser visto na imagem a seguir. O Rotten Tomatoes, por outro lado, traz um olhar mais qualitativo, com longos comentários de críticos consagrados de grandes veículos de mídia como a CNN, o London Evening Standard, a revista Rolling Stone, o New York Times, entre muitos outros.

IMDb Users

92.794 IMDb users have given a [weighted average](#) vote of 6,7 / 10



Arithmetic mean = 6,8 Median = 7

Imagem 1. Fonte: IMDb, 2022

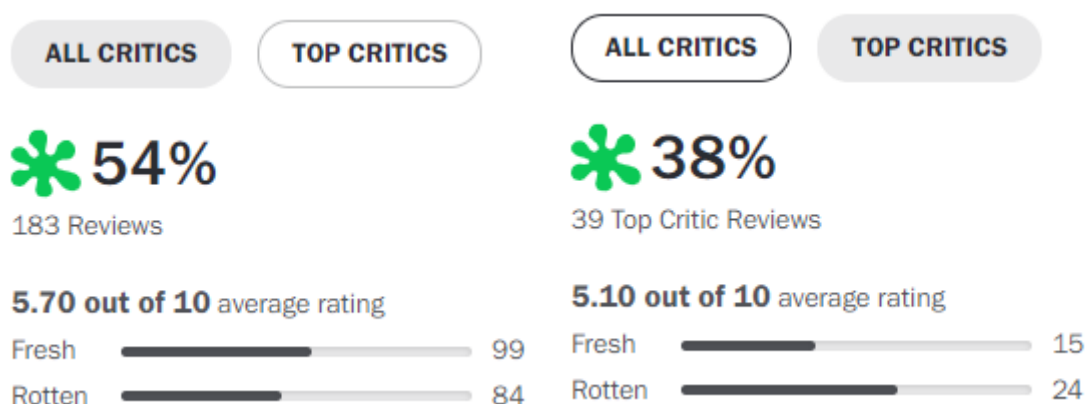


Imagem 2. Fonte: Rotten Tomatoes, 2022

Quanto à avaliação brasileira do filme, o site Omelete dá a nota 2/5, e discorre largamente sobre a atuação de Zac Efron no filme e a dificuldade de trazer um tema tão delicado e uma história que ocorreu durante 20 anos representada no curto período de tempo de 1h50 minutos. Para o crítico do Omelete, ainda se questiona sobre a questão da ambiguidade que transparece na personagem de Ted, não ficando claro até o final do filme se ele era inocente ou não, fato que não deveria ocorrer, segundo o crítico. De forma geral, segundo ele, “O problema é ser um retrato extremamente raso de um assunto cheio de camadas.” (OMELETE, 2019). O site Adoro Cinema, por outro lado, faz uma crítica bem dura ao filme, com nota 1,5/5; o crítico deixa clara sua insatisfação e declara que o filme não apenas conta a história de Bundy, como também toma seu lado da história, deixando de contar a história de Elizabeth. Nesse site, o crítico também considera o filme raso e retoma ainda a questão da ambiguidade da personagem e da narrativa, reforçando ainda que o filme se apresenta em negação quanto aos crimes cometidos por Bundy.

O filme o qual os críticos comentam, de forma sintética, retrata os acontecimentos de 1969 a 1989 com enfoque na vida de Elizabeth, uma mãe solteira que se envolve com Ted Bundy, um rapaz que parecia atender a todos os requisitos do homem de seus sonhos. Durante o relacionamento, Ted é acusado de vários assassinatos, levantando dúvidas e angústias em Elizabeth, que se vê dividida entre acreditar nas provas apresentadas ou no discurso do homem que um dia amou.

Recomenda-se ainda a leitura de algumas resenhas presentes na *internet*, de sites como IMDb¹, Adorocinema², Omelete³ ou ainda assistir ao longa, no ano de 2022, disponível na *Apple TV*⁴, *Amazon Prime*⁵ e *YouTube*⁶, para que a compreensão das indagações feitas aqui não sejam prejudicadas.

3.1 Um Ted Bundy, várias faces

A persona de Ted Bundy é explorada pela visão dos outros, e nunca pelo olhar do mesmo, uma vez que por razões óbvias Ted não está presente para argumentar sobre sua

¹ <https://www.imdb.com/title/tt2481498/>

² <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-256245/>

³ <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/ted-bundy-a-irresistivel-face-do-mal>

⁴ https://www.primevideo.com/detail/0QX4QU3IVXJTIWW273OU7F4RUL/ref=atv_dp?language=pt_BR

⁵ <https://tv.apple.com/br/movie/extremely-wicked-shockingly-evil-and-vile/umc.cmc.66ynfr1tuavlw0ixqnlmfcw?action=play>

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=Zr0x9n8ISwk>

própria representação, como também não deixou relatos escritos dos eventos que marcaram sua vida.

Assim, o longa, tomado como *corpus* de análise, perpassa entre os anos de 1969 até 1989, ano de sua morte, pelos olhos de Elizabeth Kendall, a mulher que conviveu com Ted durante os anos em que cometeu os assassinatos.

Logo de início observa-se a delimitação do tempo e espaço em que ocorrerão os eventos do filme. A primeira cena do filme já delimita o fim da personagem principal, mostrando-o sendo visitado por Liz na prisão em 1989. Com um corte abrupto, o filme retorna para Seattle em 1969. Entende-se assim que, para além da legenda demarcando o tempo, há essa mudança de fase por 4 fatores principais: a caracterização das personagens, a expressão facial, a trilha sonora e as cores de filtro de imagem nas cenas



Imagem 3. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

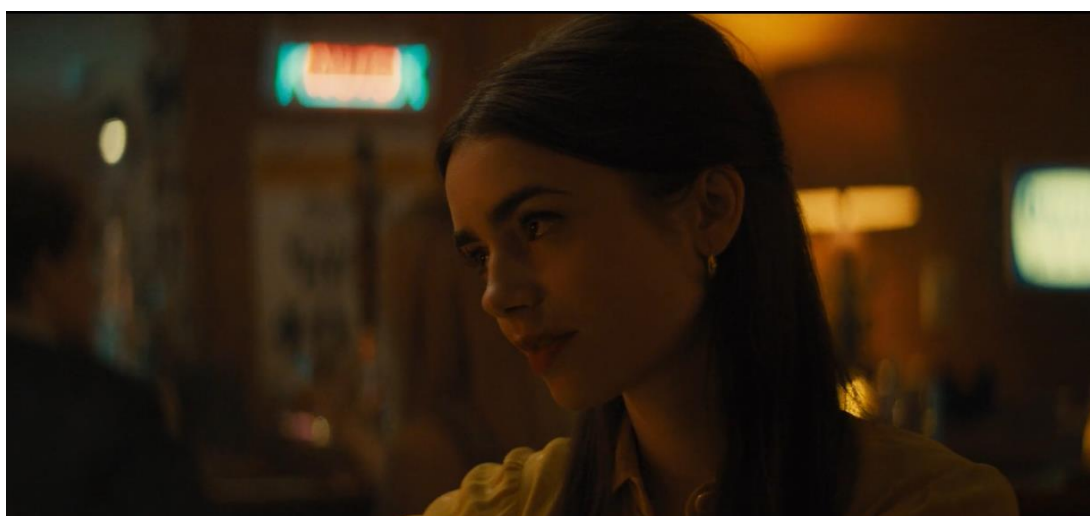


Imagem 4. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

Observando as duas figuras acima, nota-se a diferença entre os momentos da vida de Elizabeth, entende-se assim que é por intermédio da personagem que é possível observar a mudança temporal dentro da narrativa. Na primeira figura observa-se em sua expressão facial as linhas de expressão mais marcadas, a ausência de maquiagem, os cabelos mais naturais, roupa mais conservadora fechada até o pescoço, enquanto na segunda figura nota-se Elizabeth de forma mais casual, com roupas mais jovens, tendo em vista o ano de 1969, joias, maquiagem e poucas ou nenhuma marca de expressão no rosto. Quanto às cores do filtro de imagens utilizados nas duas cenas, observa-se a coloração de tons frios utilizada na primeira cena, que enfatiza as marcas de expressão de Elizabeth, que em conjunto com a trilha sonora de dramática, trazem à cena mais apreensão, a qual aparenta ser sentida pela personagem. Já na segunda cena, é claro o uso de tons mais quentes utilizados no filtro de imagem, a música de fundo é animada (“Do you believe in Magic?” da banda The Lovin’ Spoonful) que em conjunto com o som de vozes ao fundo traz à cena a descontração e jovialidade que o ambiente transparece, assim como Elizabeth, demonstrando dessa forma o contraste entre a primeira e segunda cena, deixando clara a mudança de épocas.

O foco das cenas em Elizabeth também é crucial para determinar a voz que rege os discursos do filme. Nota-se logo ao início do filme que o discurso responsável pelo conduzir da narrativa traz à vista o olhar da personagem feminina, isso fica claro não apenas pelo foco de cena, mas também pelo início de diálogo em que Liz diz não estar ali para conversar sobre trivialidades, determinando o caminhar daquele diálogo, mas também o do longa. Ainda assim, o movimento focal da câmera em seu rosto, como visto na imagem 1, enfatiza a seriedade transpassada por suas palavras e seu tom de voz mais grave, deixando explícito o ponto de vista de quem será exposto no longa.

As cenas seguintes partem para a interação entre Ted e Elizabeth. Na prisão eles conversam sobre o ocorrido em 1969, nota-se o estabelecimento de um diálogo interno do filme, em que os personagens falam sobre o acontecimento e o mesmo é mostrado ao espectador no mesmo momento. Esse diálogo interno do filme é crucial para manutenção do suspense e atmosfera dramática, em que se dá o suficiente para compreender o que é dito, mas não o necessário para desvendar o mistério. Até este momento do longa, Ted mostra-se acima de qualquer suspeita, portando-se como um jovem comum para a época, além de íntegro, cortês e galanteador.



Imagem 5. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

Na figura acima, Ted está na cozinha fazendo café da manhã com a filha de Elizabeth, Molly. A ambientalização do cenário delimita a época que é representada no filme, indo ao encontro da caracterização dos personagens. Logo em seguida são mostrados diversos recortes de cenas que auxiliam a construção da imagem de “bom homem” de Ted. São mostrados aniversários, Natais, entregas de presentes e momentos aleatórios de diversão em família. Todos os recortes de momento em família não feitos com um tratamento de filtro de imagem que remete a algo antigo, de imagens gastas, que tem por fundo a ideia de família, de conforto e estabilidade, uma vez que se mantiveram as fotos e assim, subentende-se que também permaneceu a presença de Bundy na vida de Elizabeth e Molly.

O que faz a quebra desse momento é o áudio colocado ao fundo de uma reportagem da morte de Georgeann, uma das vítimas de Ted Bundy; a partir do momento que inicia esse áudio, intercala-se entre o vídeo de Ted brincando com Molly e a reportagem sobre o assassinato. Com a inserção do áudio, percebe-se a interpolação do gênero reportagem no longa-metragem, que traz um tom mais sério e frio para a cena, que em conjunto com o tratamento de imagem (cor, filtro e recorte), quebra o caminho traçado pela narrativa até o momento. Entende-se por esse momento uma tentativa do autor de direcionar o olhar do espectador para a temática do filme, que são as consequências dos atos de Ted na vida de Elizabeth, além de demonstrar que apesar das notícias, Elizabeth, Ted e Molly viviam uma vida comum e feliz, deixando claro certo nível de alienação e desinteresse perante os problemas que as permeavam.

Não obstante, ao interpolar os dois gêneros, longa-metragem e reportagem, o autor proporciona mais credibilidade à história narrada e acaba também por aproximar o filme de

outro gênero de discurso: o documentário. A presença dos áudios e imagens como reafirmação do discurso são características pertencentes a gêneros de cunho documental. Este fato é interessante, pois estabelece diálogo para com outras produções já existentes no mercado, especificamente a produzida pelo mesmo autor: *Conversations with a killer: Ted Bundy Tapes* (2019), a qual tem a mesma temática, mas sobre o olhar de outro gênero, o documentário. O diálogo, com essa produção, se estabelece de forma clara aqui, não só em razão da convergência de autor de ambos os produtos, filme e documentário, mas também pelo uso de recortes de imagem, imagens e reportagens que aparecem enquadradas em formato 4:3, formato antigo utilizado nas televisões - formato polaroide -, em vez de 16:9, formato atual para filmes.

Outro movimento usado para aproximar o que é mostrado em cena do que é dito pelo áudio da reportagem ocorre quando sobrepõem-se a fala e imagem de forma perfeita, como é mostrado na figura abaixo.

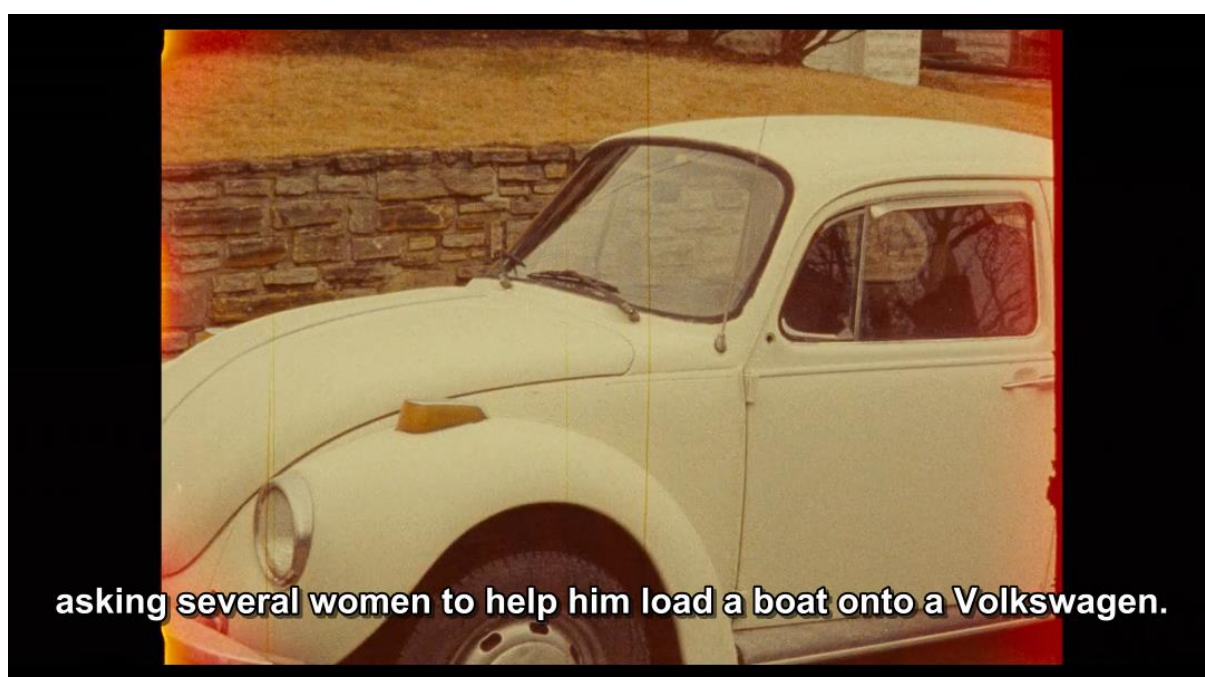


Imagem 6. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

É possível notar ainda, quanto à construção da imagem de Ted, que se intercalam momentos de Ted sozinho com momentos de Ted em família. Esses auxiliam na manutenção do suspense/drama do filme e fomentam a dúvida se Ted é ou não culpado, até o momento, pelo assassinato de três garotas e o sequestro de outra. Uma vez que é a visão da personagem Elizabeth Kendall, escolhida pelo autor, para nortear o caminhar e exposição da narrativa, a

presença da grande quantidade de momentos em família, de carinho e romance se justifica, uma vez que foi essa a visão inicial que teve a personagem. Dessa forma, o olhar romântico e carinhoso que se direciona a Ted durante o longa vai até onde Elizabeth acredita na inocência, índole, caráter e fidedignidade dos sentimentos por ela e sua filha.

A cena de Ted na biblioteca estudando para sua defesa no tribunal é uma em que ficam claras duas perspectivas, uma em que Ted dedica-se para provar sua inocência e mesmo assim ele é perseguido pelos policiais e outra em que o vemos observando outras mulheres de forma sugestiva. A primeira perspectiva nada mais é do que a visão que Liz tem de Ted, ou ainda, a visão que ele opta que ela tenha dele, pois é justamente isso que ele conta para ela. Já a segunda perspectiva, nada mais é do que o olhar do “outro” sobre a cena, o olhar que tem visão do todo da personagem, olhar esse de que Liz se aproxima só ao final do longa. A adoção do cachorro com Liz também é uma das cenas ambíguas do longa, em que o olhar do outro se faz presente no comportamento do cachorro, que ao latir e rosnar para Ted demonstra ter conhecimento de quem ele realmente é. Nesta cena, em especial, fica mais fácil de reconhecer as diferentes perspectivas expostas ao longo do filme, enquanto Ted tenta mascarar suas face assassina, Liz acredita na máscara que Ted cria, e o cachorro, que representa o olhar do outro, o vê por inteiro, é o único a entender Ted por inteiro. Ainda assim, um olhar desatento do espectador pode aproximá-lo da imagem de “homem de família”, o que auxilia na construção da inocência da personagem, ampliando a confiabilidade passada por ele, o que acaba por ampliar o sentimento de surpresa e espanto quando ocorre a revelação dos seus crimes.

No que tange a aspectos da vida romântica de Ted, esses são abordados com certa explicitude. Cenas de sexo aparecem de forma clara, com claro foco em aspectos corporais do ator principal, entretanto existem distinções nítidas nas cenas de intimidade quando ocorre a mudança do par romântico de Ted. Quando se trata da relação de Ted e Elizabeth, as cenas possuem tons mais quentes, com ênfase no amarelo, a luz do cenário é mais escura, em tom de fotografia antiga, que dá a entender de que são lembranças de Elizabeth, trazendo a impressão de aconchego para o momento. Seguindo a mesma linha, existe a troca de carícias, a música que toca ao fundo remete à atmosfera romântica e sobretudo não são mostradas cenas explícitas de sexo, mostram-se momentos antes do ato em si, que são realizados todos em casa em uma cama, passando a ideia de conforto e cumplicidade entre cônjuges. A movimentação da câmera é mais lenta, assim como a dos personagens, dando a percepção de calma e romance, em que não há pressa. A proximidade da câmera é grande, passando a impressão novamente de conforto, intimidade e sigilo, impressão que se confirma por meio da cenografia do quarto de Elizabeth e o ato de fechar a porta.

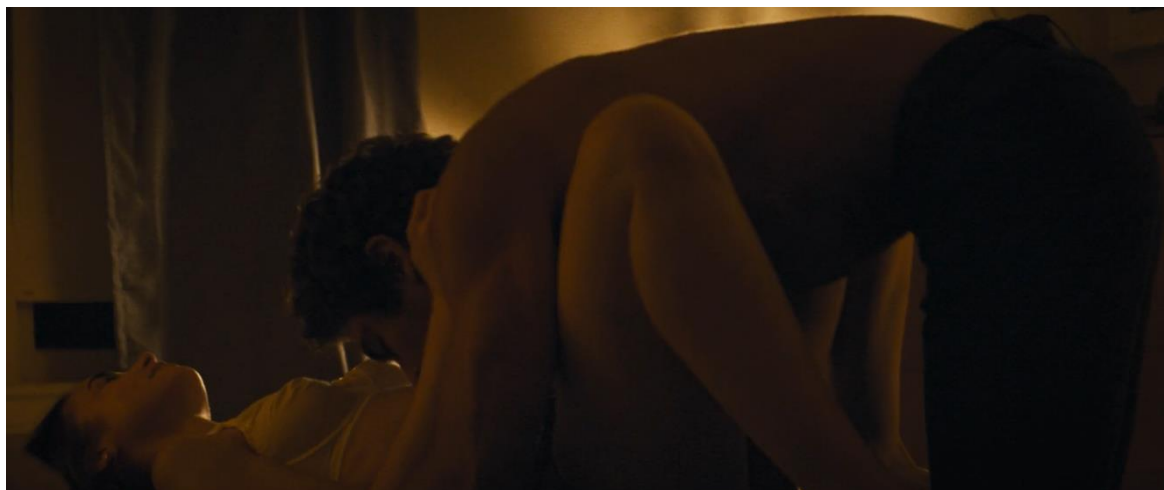


Imagem 7. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

No que tange à cena de sexo de Ted e Carole, essa sim é explícita e passa um ar de aspereza muito grande. O ato ocorre dentro da prisão, onde os dois encontram-se parcialmente vestidos e encostados em uma máquina de refrigerante. O filtro de cores da cena é composto por tons mais frios, predominando o branco e cinza, a luz do cenário é clara e branca, sendo fácil reconhecer formas e visualizar os corpos dos personagens. Os sons são altos, não há música compondo o cenário, sendo possível ouvir o gemer e a respiração ofegante de Carole e Ted. Nesse caso é mostrado o ato sexual em si, sendo possível observar a falta de toques e carícias por parte de Ted. Os movimentos da personagem são bruscos, rápidos e intensos, não transparecendo sensação alguma de romance ou afeto. A movimentação da câmera enfatiza ainda mais a aspereza do ato, com movimentação rápida, certa trepidação, alternância entre os corpos e rostos de forma dinâmica. Outro fato interessante é o distanciamento da câmera durante o ato, mostrando a parte de trás do corpo de Ted que se encontra desnuda.



Imagem 8. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

É preciso destacar que o corpo do ator Zac Efron é exposto em vários momentos do filme. Dessa forma é possível notar a distinção clara entre o ator e o homem que a personagem representa, Ted Bundy. Enquanto Efron possui uma forma física definida, Bundy era um homem esguio, sem músculos predominantes.

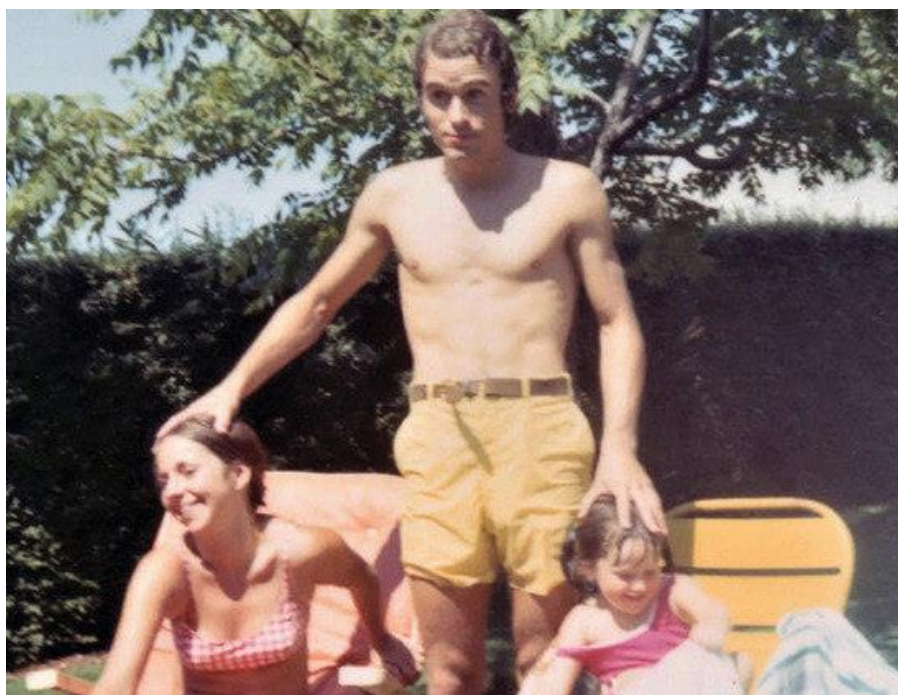


Imagem 9. Fonte: *The Phantom Prince: My Life with Ted Bundy*



Imagem 10. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

Dessa forma observa-se que, apesar de toda preparação física realizada por Efron para atuar no longa, com a perda de mais de 13 quilogramas - como afirma em entrevista para Variety (2019) - não houve um compromisso para com a realidade no que tange à forma física, diminuindo a exposição corporal da personagem para não deixar clara a distinção, o que se justifica, uma vez que o longa-metragem de suspense/drama não é um gênero comprometido com a exposição dos fatos de forma documental, com apenas cunho historiográfico; ao contrário ele é resultado de ficcionalização premeditada, produto de múltiplos pontos de vista: a visão do livro que inspirou o roteiro (uma autobiografia escrita na perspectiva de Liz), e a visão e valores do autor. Assim, o resultado final, o longa-metragem de suspense/drama, é de responsabilidade do autor, que é o (re)construtor do ponto de vista de Liz, norteadora de grande parte da narrativa, assim que molda a relação de vozes existente dentro do produto. Entende-se desta forma que a combinação das refrações referidas acima altera o produto base, mas ainda assim não são desfeitos os vínculos para com o produto base.

Deve-se dizer ainda que esse movimento de exposição corporal se faz interessante para o longa-metragem por quatro motivos: compatibilidade com os modelos de beleza vigentes em 2019 atuais, aumento da credibilidade na lisura da personagem para proporcionar mais impacto durante o plotwist, direcionamento da história para o olhar feminino do autor e a atração do público feminino e público que já conhece o trabalho do ator. O primeiro item é notável, pois observa-se que houve a preocupação, durante a escolha do elenco, em trazer não só um ator que se aproximasse das feições do Ted real, como também alguém, segundo moldes sociais, atraente sob o olhar do século XXI, o que retoma a mesma impressão que houve sobre Ted nos anos representados no longa (o *serial killer* destacou-se, entre outros fatores, por atrair as mulheres por seu aspecto físico). A beleza do ator, e por consequência da personagem, também é um dos fatores responsáveis por aumentar a credibilidade na inocência da personagem ao longo da história, uma vez que a atração física é um fator-chave para a confiabilidade, fato esse que é imprescindível para a sustentação e criação da atmosfera de suspeita e tensão nesse gênero de filme, o suspense/drama. A beleza do ator, e sua consequente exposição corporal é ainda um dos indícios de que a história tem por plano de fundo o autor com o olhar feminino, mais especificamente o olhar apaixonado, visão esta que é acompanhada ao longo da narrativa. Quanto à atração do público, essa será discutida mais detalhadamente no próximo capítulo, mas deve-se dizer que o uso desse ator, que possui fatores atrativos para o público feminino e já possui uma carreira sólida no círculo

cinematográfico, faz com que sejam atraídos para o filme espectadores diferentes dos já esperados para um filme com a temática de assassinatos reais.

No que tange à relação entre discurso verbal e representação temporal durante o longa, pode-se afirmar que não há nenhuma fala que delimite ou pontue a especificidade da época retratada, deixando toda e qualquer delimitação dependente exclusivamente da caracterização dos personagens e da composição do cenário. Desta maneira, para transformar o ator na personagem Ted Bundy, aproximando-o do homem Ted Bundy, são usados recursos visuais como: mudança do cabelo, coloração, maquiagem, espessamento da sobrancelha e principalmente figurino, artifícios que parecem ser pormenores e descomplicados, mas que são de máxima importância no momento de propiciar a imersão do espectador na história, tendo em vista a verossimilhança, e auxiliar no distanciamento entre as imagens do ator e da personagem.

Se por um lado o discurso verbal não tem papel significativo na delimitação de época, ele é primordial em outros aspectos, como o convencimento de sua inocência para outras personagens, a criação de tensão e a manutenção do suspense e da atmosfera dramática. A partir do momento em que é parado pelo policial, Ted já faz uso do estereótipo de bom homem e do discurso de autoridade que carrega por ser um estudante de direito. Em 8m30s Ted usa os dois argumentos para provar sua honra, “I’m a Law student over at University of Utah. My girlfriend lives in Seattle. I’m actually gonna propose to her as soon as I graduate. Trying to save for a ring, so if you can find it in your heart to let me off without a ticket” (Filme, 2019). Em momentos em que sua inocência é questionada Ted trabalha de forma incisiva para convencer Elizabeth de que ele não é culpado e que está sendo incriminado pelas autoridades, convencimento o qual é realizado pelo discurso de autoridade, o uso da atração física e romântica e a manutenção do estereótipo de “bom homem”; manobras essas que demonstram serem eficazes, até certo ponto, uma vez que ela opta por estar ao seu lado durante seu primeiro julgamento, e assiste às reportagens e ao julgamento televisionado. Outra manobra usada por Ted para sustentar sua narrativa de inocência durante os julgamentos e o tempo preso é tentar aproximar sua situação a uma história fictícia chamada “Papillon”, de Henri Charrière, em que um homem é condenado por um crime que não cometeu e escapa da prisão. Ao propor essa aproximação, Ted procura justificar sua inocência por intermédio da narrativa do livro e trazer Liz para o seu lado da história. Esse discurso é reforçado em vários momentos, inclusive durante uma visita de Elizabeth à prisão, em que Ted entrega o livro a ela, o que deixa clara a efetividade do argumento de Ted são as cenas em que Liz aparece fazendo a leitura do livro. Essa tática de aproximação de discursos é

imprescindível para a sustentação do argumento, dando fidedignidade e força ao discurso, provocando não apenas o convencimento de Elizabeth, mas também do público, que apesar de não ter conhecimento do livro e sua história, “compra” mais facilmente o argumento.

Outro momento-chave em que transparecem as multifacetadas da personagem em sua tentativa de convencimento de sua inocência ocorre aos 33 minutos e 24 do longa, em que Ted é entrevistado na prisão. Este momento é interessante, pois é possível notar que a personagem não se direciona apenas para o entrevistador, mas também para um telespectador da entrevista, que neste caso não deixa de ser o público que assiste ao longa. Observa-se que Bundy faz uso de piadas para cativar e encantar, sorri com frequência e não deixa de direcionar seu discurso de negação de culpa para a câmera. Esse posicionamento de Ted, como homem charmoso, educado e culto, é amplificado por meio das roupas que usa (calça social, blusa de gola alta e sapatos, todos de tons marrons), posição corporal (as pernas cruzadas, com o cotovelo apoiado na perna e a mão no rosto em posição de reflexão) e a barba e cabelo mais compridos. Todos esses aspectos são mais algumas das manobras utilizadas pela personagem para amplificar sua confiabilidade nesta cena.



Imagem 11. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

Outra questão importante para a cena, e que torna sua produção mais delicada, é o diálogo explícito com o real (a vida), uma vez que uma entrevista realmente aconteceu com o *serial killer*, e ele se apresenta exatamente dessa forma, com essa barba, essa roupa e trejeito, o que resulta na inevitável comparação; entretanto, se faz necessário o distanciamento dos dois “mundos”, para que se retome o foco para o produto ali exposto na ficção e não para seu correspondente direto na vida, que foi retratado/refratado no gênero entrevista. O que auxilia

criar a diferenciação de discursos entre as cenas correlacionadas, e gêneros interpolados (entrevista e filme), voltando o olhar para o gênero longa-metragem de suspense/drama é a presença do diretor do filme, Joe Berlinger, contracenando com Zac Efron, fazendo o papel do jornalista. A presença de diretores e escritores em cena já não é uma novidade, todavia, neste filme parece que tem a função pontual de distanciar o filme da realidade e deixar claro que esse é um produto ficcional em que transparece o olhar refratado da cena pelo autor. Além disso, a angulação da câmera e amplitude da cena, como pode ser observado na imagem acima, evidencia o olhar transgrediente do autor, interessado em focar na personagem, incluindo o autor na cena para retomar a ideia de que é um produto ficcional.

Tratando-se ainda da representação da personagem em cena, as fugas da prisão de Ted, em especial a sua caracterização, trazem altas cargas de sexualização para a personagem. Em sua primeira fuga, com uma camisa branca justa, bandana na cabeça e calça jeans justa, Ted passa pelas ruas sem ser reconhecido e ainda recebe vários olhares de mulheres. A sexualização da personagem também fica clara em sua segunda fuga, em que dança e bebe com duas mulheres. Desta vez com um bigode, Ted usa uma camisa polo branca justa, ele apresenta mais desenvoltura, tentando conquistar as jovens, dançando com o corpo mais colado a seus corpos. Apesar de estar usando roupas que vão ao encontro do esperado para a época, com símbolos clássicos da juventude dos anos 70 (bandana, calça jeans colada com camisa branca), nessas cenas é possível observar o corpo do ator, com ênfase para os músculos, esses detalhes só podem ser observados em razão do foco da câmera em Ted como visto na imagem 12 e 13, ou em ambiente claro como na imagem 12, em que a personagem ocupa posição central, bem delimitada e próxima da lente. Mas, se por um viés a escolha de figurino possa ter trazido a sensualidade sem motivos aparentes, por outro ela se justifica por duas razões: deixar claro o olhar feminino do autor e novamente aproximar-se dos padrões de beleza vigentes durante o ano de exibição do filme de forma que seja possível convencer o interlocutor de que o encantamento por Ted era possível.



Imagem 12. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix



Imagem 13. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

Voltando-se para o conduzir da narrativa, é possível notar que as fugas da prisão são marcadas por momentos de subsequente morte de jovens, assim como sua última fuga é marcada pela agressão de um policial, o que aumenta a suspeita sobre a personagem.

Entretanto, durante o julgamento várias mulheres são entrevistadas por jornais, as quais afirmam sentir atração por Ted e duvidam que ele seja culpado pelos crimes. É nesse momento também que o autor opta por deixar claro os valores que circundam a narrativa, mostrando por meio da fala das mulheres que o estereótipo de “bom homem” de Ted é mantido por meio de sua postura e beleza física. Esse movimento de vai e vem (parece culpado e não parece culpado) traçado pela narrativa do filme é imprescindível para a criação do suspense e manipulação do sentimento de dúvida do espectador, sentimento que é maximizado em cenas-chave como a ligação de Ted para Elizabeth em que a alerta sobre os próximos acontecimentos e a conversa de Ted com Ken Katsaris na cela da prisão. A conversa de Ted com Elizabeth por telefone é importante para a manutenção do vínculo entre as personagens, mas também é fundamental para colocar em cena o lado paternal da personagem, a face que se preocupa com o que Liz pensa e como ela se sente. Se analisada mais a fundo, o autor também manifesta aqui o lado manipulador de Ted, o lado que precisa da presença de Liz em sua vida para manter, dentro da sua “anormalidade”, um fio de normalidade; fio esse que ajuda a provocar a empatia por Ted durante o longa.

Da mesma forma, na cena com Ken Katsaris, procurou-se provocar o olhar empático sobre a personagem, desta vez não apenas por meio do que se subentende do diálogo, mas também por meios visuais. Na cena em questão, Ted está sentado na cama olhando na direção de Ken, que permanece em pé com o olhar voltado para baixo. Ted é colocado em uma posição inferior, e de modo a enfatizar isso o direcionamento da câmera converge para isso. De modo mais amplo nessa cena, Ted parece pequeno e quando a câmera foca em sua direção é sempre com o ângulo voltado para baixo, enquanto isso, quando a mesma se volta para Ken observa-se que a angulação muda para cima, dando a impressão de alguém mais alto, e por consequência de poder, colocando Ted em uma posição de subjugado. A ação de Ken ao rasgar o desenho colado na parede de Ted de forma lenta enquanto termina seu discurso e, ao final, jogar os pedaços no chão, só enfatiza o desprezo de Ken e seu poder sobre Ted; o autor procura aqui passar a impressão de impotência por parte de Ted. A cena que segue esse momento com Ken Katsaris serve para amplificar o sentimento de pena, uma vez que ele é prensado na parede, fotos de sua boca e dentes são tiradas, com rapidez e agressividade que é transposta para a câmera pela movimentação rápida, fora do eixo horizontal e o *zoom* no rosto de Ted. Essas cenas em questão servem para trazer opacidade para o julgamento final do telespectador, uma vez que, se em momentos anteriores tudo parecia indicar para o veredito de culpa, as cenas que seguem mostram outro lado da personagem, em que o autor induz à compaixão e empatia, e assim, consequentemente, à dúvida.

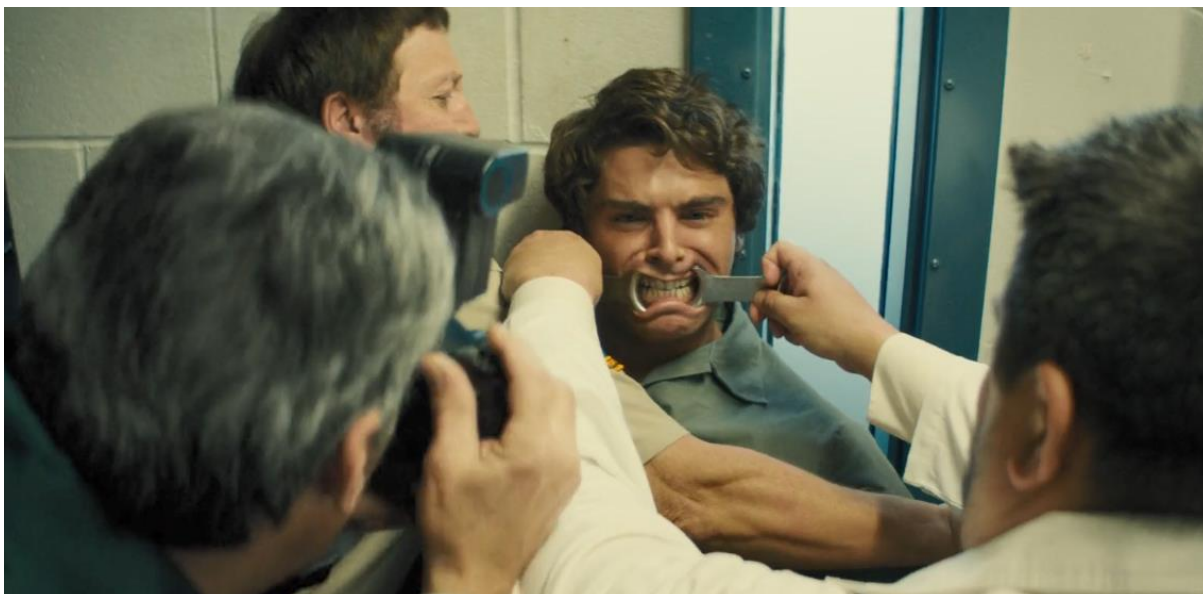


Imagem 14. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

É imprescindível dizer ainda que, tratando-se dos personagens secundários, é clara que a presença dos mesmos é motivada pelo personagem principal, Ted Bundy, notando-se que todos têm funções pontuais dentro da narrativa. Fica claro nesta altura da narrativa, portanto, que apesar da voz que perpetua os discursos ser feminina, é em Ted que o foco tem início e fim, a dominância dele interfere diretamente nas vozes que perpetuam os discursos ao longo do filme, assim como interferirá na visão e encaminhamento dados pelo autor. Um caso interessante a ser comentado, que reafirma o argumento exposto, se faz presente nos aspectos cênicos da cena em que Ted e Carole discutem sobre como ela poderia ajudá-lo. Na cena em questão, ela se dispõe a ser sua voz fora da prisão, melhorando assim sua imagem para o público, uma vez que o julgamento seria televisionado. Quanto ao recorte de imagem, no início da conversa a imagem é mais ampla e é possível ver os arredores do cenário; no entanto, no caminhar do diálogo a câmera vai se aproximando paulatinamente dos rostos das personagens, e ao mesmo tempo o enquadramento delas também muda, claramente com o foco em Ted, mas ambas as personagens sempre nos cantos direito ou esquerdo da tela; por fim, a movimentação circular da câmera estabelece quem define o fazer e caminhar da narrativa nesse momento. O movimento que parece ser circular, com centro nas duas personagens em um primeiro momento, após olhar cuidadoso, nota-se que o centro é Ted, e Carole é uma personagem satélite nessa conversa, ou seja, circunda e depende de Ted para se fazer presente, posição essa que é enfatizada pela movimentação corporal da personagem, que se curva em sua direção, aproxima as mãos e mantém-se à espera de suas respostas e reações,

buscando aprovação. A posição dependente de Carole é confirmada em momentos depois durante uma entrevista em que ela repete um discurso determinado por Ted.

Caminhando para o momento que define o fim das personagens principais, o julgamento, é possível observar que o caminhar da narrativa é mais acelerado, a sucessão de fatos é mais rápida e é abundante a quantidade de informações que podem ser extraídas nesse momento. Por exemplo, é neste trecho em que fica clara a personalidade narcisista da personagem Ted, uma vez que busca captar a atenção de todos para si, não apenas no decorrer do julgamento, mas após as sessões em que mantém contato com Carole, liga incessantemente para Liz e recebe visitas de sua mãe, mostrando que a teia de pessoas ligadas a ele se estende cada vez mais. A necessidade de atenção e manutenção do foco em si é tão grande que ao mínimo sinal de substituição ele se sobressalta, ficando indignado com a presença de outro homem na vida de Liz, ficando visivelmente abalado.

É nesse dado momento também que é possível entender a visão de mártir em que o autor coloca Liz ao longo do filme, observar a virada de chave na mente de Elizabeth e como a visão feminina do autor está impressa ao longo do filme, mesmo que não haja a presença física de uma mulher ou diálogo que sustente a teoria. Apesar de não estar presente no tribunal, Elizabeth assiste o julgamento em sua casa - aqui o autor nos mostra que apesar da separação física entre os dois, o vínculo emocional ainda existe, assim como o encantamento dela por Ted, uma vez que sorri quando ele faz exigências e comentários em corte. Momentos após essa demonstração de afeição, Liz deita em sua cama à espera de uma ligação de Ted, enquanto isso são mostradas cenas românticas dos dois, uma que já foi exibida anteriormente. Entretanto, a visão do autor, e por consequência da personagem, em relação a essa cena, já não é a mesma da inicial, o que demonstra uma possível mudança de perspectiva sobre o relacionamento.

Neste trecho de *flashback* o discurso visual fica novamente responsável por toda a carga de significados. Com tons mais escuros e luz direta no rosto de Elizabeth, a personagem passa um ar depressivo e de certa forma fúnebre; o *flashback* que antes era regido por uma música romântica, agora como lembrança tem trilha sonora instrumental de tons agudos que diverge completamente da sensação de conforto e cumplicidade que a cena original tinha. Essa escolha de trilha é responsável por comunicar aquilo que não foi dito pelo discurso verbal, ou seja, demonstrar a confusão de Elizabeth, a divisão entre reviver o passado e seguir em frente e quão extensas são as amarras do relacionamento com Ted. O único sentimento que parece não se encaixar é a culpa, uma vez que até o momento, em todos os discursos do seu círculo de amizade, o autor coloca Liz no lugar de vítima desse relacionamento. É apenas

quando ocorre a revelação de que ela havia feito uma denúncia de Ted para a polícia que fica clara a escolha do autor pelo sentimento de culpa, que será exposto pela personagem durante todo o longa; esse movimento de revelação tardia de uma informação crucial para compreensão do sentimento de culpa da personagem implanta novamente a dúvida no espectador sobre a possível condenação errônea de Ted.

Os últimos momentos de Ted como um homem livre também são direcionados a implantar a dúvida no espectador e provocar comoção, mostrando mais uma vez a face que provoca encantamento e empatia em relação ao personagem. Essa implantação de dúvidas constantes é imprescindível para a criação da antecipação, dúvida e carga emocional, própria do gênero suspense/drama. É por meio do movimento de vai e vem na narrativa, de certeza e incerteza, que o autor é capaz não só de cativar o espectador, mas também construir uma narrativa verossímil, concisa e incompleta o suficiente para que o público possa construir sua própria impressão e preencher as lacunas.

Sendo assim, após os argumentos finais dos advogados, Ted recebe a sentença final. Quanto a esse momento, cabe mencionar alguns aspectos. A reação de Elizabeth ao ouvir a sentença: a intensidade dos sentimentos é clara em suas expressões, apresenta profundo pesar e tristeza, e apesar disso, o veredito é responsável por sua redenção, pois logo após o discurso da mãe de Ted, Liz é vista se desfazendo das bebidas e finalmente sendo capaz de superar parte das amarras do relacionamento. No mesmo sentido, a face de Ted, no decorrer da sentença e durante o discurso do juiz, não transparece tristeza, mas sim raiva, incredulidade, uma vez que o autor nos apresenta uma personagem confiante, que crê ter feito de tudo para ser o mais convincente possível. É apenas quando o juiz lhe passa a palavra e que a câmera se aproxima de seu rosto que é possível notar as lágrimas se formando nos seus olhos e as sobrancelhas tremendo de forma leve, em que se procura demonstrar tristeza na personagem. Quanto ao discurso final do juiz para Ted, pode-se entender que o autor personifica no juiz toda e qualquer pessoa que foi convencida pelo discurso e encantamento de Ted, uma vez que ele declara não ter nenhuma animosidade em relação a ele e que teria sido uma honra ser seu colega de trabalho em um tribunal.



Imagem 15. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

O último fato que se faz necessário comentar nesta cena é o fim da história de Carole Boone, que por mais que o mesmo pareça ser definido aí, um simples ato da personagem deixa a entender que as consequências dos seus atos e de Ted perpetuarão pelo resto da sua vida. Ao final de todos os discursos, Carole é vista chorando sozinha no tribunal, com ambas as mãos alisando o ventre, nesse momento o autor define o fim de Carole, depreende-se que com um filho a caminho Carole levará consigo, de forma física, todos os momentos vividos com Ted e as consequências dos atos não só dela, mas dele também. Nesse sentido ao apagar as luzes do tribunal, o autor simboliza não só o fim de todas as histórias aqui contadas, mas também o lugar escuro, sem saída, em que opta por colocar Carole, demonstrando a empatia pela sua condição final, além de colocar em foco o olhar feminino para com o drama vivido por Carole.



Imagem 16. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

Com o salto de 10 anos do filme, volta-se para a cena inicial e, quanto a ela, cabe comentar os aspectos verbais e visuais de forma separada, pela alta carga de significações da cena, para que assim seja possível compreender como eles se fundem e se complementam. A conversa entre as duas personagens começa de forma pacífica, com Ted claramente surpreso e feliz em ver Liz, que está impaciente e arisca, deixando de lado a campanha de boa vizinhança iniciada por Ted e partindo para os tópicos que ela pretende contemplar. O diálogo é rápido, com perguntas e respostas, indagações, acusações e defesas, lembrando muito a estrutura de um interrogatório, em que ela afirma que ao final da conversa só restará a verdade. À medida que o tom de voz de Liz se torna mais firme, o tom de Ted caminha na direção oposta, mais instável, mais grave, chegando ao ápice de desespero e instabilidade quando ela pergunta sobre o assassinato de Kimberly Leach. Nesse momento, ele se exalta, respira para retomar a compostura, mas quando ela lhe pergunta se ele é doente, temos mais um momento em que ele demonstra fragilidade e raiva. Esses dois trechos do diálogo são centrais para se ver como se comporta Ted em momentos em que a pessoa já não pode ser manipulada; é aqui também que é exposto o momento de fragilidade da máscara composta de Ted que o autor construiu ao longo de todo o longa. É pela força das palavras de Liz que o autor quebra pedaço por pedaço a máscara de Ted, ao ela pedir para que ele a deixe ir, e

demandando que ele diga o que aconteceu com a cabeça de uma das vítimas. E é por uma palavra - “hacksaw” - que o autor finda o ciclo de Liz, a máscara de Ted se quebra e a verdade é revelada e se concretiza o desejo inicial de Liz pela verdade; assim, temos o fim a narrativa.



Imagem 17. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

De forma concomitante e convergente ao texto verbal, nós temos o trabalho visual intenso do filme, com gestos, caracterização, efeitos luminotécnicos, corte de cena e posição da câmera. Em razão da grandiosidade de detalhes é necessário fixar-se em alguns pontos que melhor exemplificam os momentos-chave da narrativa. Dessa forma, iniciaremos pela caracterização das personagens Ted e Elizabeth: quanto a esse aspecto, a primeira coisa que salta aos olhos é a escolha de roupa de Liz. A personagem usa um vestido conservador, que condiz com sua idade e com a seriedade do momento em questão, mas além disso, a cor do vestido é similar, se não igual, ao macacão de prisão usado por Ted - sobre essa escolha de cor subentende-se que ela serve para demonstrar não só a ligação dos dois personagens, mas também o poderio de Ted sobre a personagem. Quanto a esse aspecto, pode-se comentar ainda que até o momento da revelação de Ted, a cor do vestido, em razão da escolha de luzes, permanece bem similar, entretanto no momento em que ela se afasta, corre pelo corredor e caminha na direção do estacionamento, nota-se a diferença das cores; a partir do afastamento o tom do vestido passa a ter tons de marrom, distanciando do tom alaranjado inicial. Acerca desse aspecto subentende-se que esse artifício foi o modo encontrado pelo autor para representar o subsequente afastamento dela, o qual resultou no corte da ligação existente e na renovação de Liz.

No que concerne à posição da câmera, deve-se dizer que esse é um dos movimentos mais usados ao final do longa para criar a sensação de afunilamento, de ambiente fechado, ou até mesmo claustrofóbico, que será responsável por construir a tensão do momento, tensão esta que se faz necessária em razão do gênero em que se enquadra a narrativa, o suspense/drama. Para exemplificar esse artifício podemos citar o momento em que Elizabeth elenca alguns dos crimes pelos quais Ted foi acusado e condenado. Nesse trecho em questão, o enquadramento é o aspecto que salta aos olhos e traz mais apreensão à cena. A câmera fica fechada no rosto dos personagens, de forma bem próxima de Liz, não sendo possível ver nada do cenário externo, quando se volta para Ted observa-se a aproximação paulatina da câmera, sendo possível visualizar com mais detalhes a apreensão em seu rosto, que desaparece quando ela pausa com as perguntas. A partir daí, ele adota uma posição de superioridade, com tom de voz mais grave, e seguindo esse raciocínio a câmera também muda de perspectiva, agora com enquadramento superior, onde é possível ver os dois personagens de forma ampla. A estratégia de aproximação da câmera continua ao longo da cena e é nesse enquadramento que temos a revelação da outra face de Ted.



Imagem 18. *Ted Bundy – A Irresistível Face do Mal* (2019). Fonte: Netflix

No momento de revelação, além do uso da aproximação da câmera se faz uso da iluminação para amplificar o ambiente sombrio e macabro da cena, tom esse definido pelo gênero longa-metragem de suspense/drama. Após responder como havia decapitado uma de suas vítimas, a atmosfera ao redor de Ted muda e não são as palavras que demonstram isso, mas sim sua expressão facial e a iluminação que maximiza o olhar vazio e apático. Para esse momento foi utilizada uma luz branca fria sob sua cabeça, ficando iluminados apenas sua

testa e nariz, e sob a penumbra estão os olhos e boca. Os olhos ficam mais profundos e a boca mais fina, que entreaberta em razão da respiração profunda, passa a impressão de algum suposto “desejo” reprimido. Para se recompor desse momento, além de apagar a palavra escrita do vidro, Ted passa o braço no rosto e após esse ato a sua feição se altera completamente, e com ela a iluminação também muda, mantém-se a cor da luz, muda-se a angulação da luz em que ficam mais expostos os olhos e passa-se uma impressão mais convidativa da que foi vista anteriormente no momento de revelação.

O autor opta por finalizar o longa em consonância com o tom intenso e fúnebre iniciado nas cenas interiores. De forma a manter esse tom e amplificá-lo, o autor faz uso de uma manobra interessante que demonstra seu olhar refratado sobre o tema e interpola mais uma vez aspectos do gênero documentário na trama. No momento em que a personagem sai da prisão e se aninha à família, legendas tomam a tela, descrevendo qual foi o fim da personagem principal, Ted Bundy e como se encontram as pessoas que compuseram a narrativa, como Elizabeth e sua filha Molly. A trilha sonora que completa o momento é instrumental com uma voz aguda em canto lírico, que apenas some no momento em que são expostos os nomes das vítimas de Ted. Essa manobra de exposição das vítimas em conjunto com a legenda que dá satisfação sobre o fim das personagens não é própria de longas-metragens de cunho ficcional, uma vez que como personagens ficcionais, suas histórias terminam no momento em que o filme também termina. Ao mostrar o que acontece após o filme, o autor não só insere uma característica de outro gênero, o documentário, como também modifica o tom do filme e estabelece diálogo direto para com produções de cunho documental como *Conversations with a killer: Ted Bundy Tapes* (2019), direcionando o olhar do espectador para outras produções e instigando o consumo de outros produtos da mesma temática.

3.2 O autor e seus espectadores

Para além do diálogo estabelecido com outras produções, é possível notar o diálogo entre o autor e o espectador em pontos-chave da construção da narrativa. Esses pontos de diálogo são responsáveis por fortalecer o pacto contratual entre os dois, induzir a uma recepção mais positiva do interlocutor direto e atrair e cativar um público não consumidor de produtos cinematográficos voltados para a temática do *true crime*.

Deve-se primeiramente, então, entender quem é esse interlocutor direto para quem o autor se dirige. Existem pelo menos dois interlocutores diretos relacionados à temática do

filme: um grupo que já tem conhecimento de Ted Bundy e possui interesse pelos produtos voltados à retratação da história desse sujeito e outro grupo consumidor de filmes do gênero suspense/drama e da temática *true crime*. Tratando-se do segundo grupo, de certa forma menos especializado, nota-se o cuidado do autor em não apenas atender às expectativas, como também ir além do que já se tem do mercado, para que o produto final não acabe se tornando mais um entre muitos outros. Para realizar tal fazer, o autor faz uso de manobras audiovisuais já características dos filmes do gênero suspense dramático como: a aproximação da câmera, movimentação paulatina para criação de suspense, iluminação de tons mais frios para momento-chave de criação de tensão, recortes curtos de cena de violência para a indução de choque em quem assiste e a trilha sonora que, apesar de quase imperceptível em alguns momentos, corrobora com a tensão das cenas.

O que distingue o filme dos demais em sua construção é a inserção de imagens, áudios e cenas que remetem a outro gênero audiovisual, o documentário. Ora de forma mais sutil, ora de forma explícita, o autor insere áudios e gravações tiradas de reportagens, estruturas de interrogatórios são seguidas em meio a diálogos, cenas de entrevistas são retratadas e não só o final do longa procura dar satisfações sobre o fim das personagens, como também enumera e lista o nome das vítimas na vida real. Todo esse fazer não só diversifica o filme dos demais, como demonstra o olhar divergente do autor para com a narrativa, em que procura mesclar gêneros não apenas para captar a atenção do espectador, como também para direcioná-lo, ainda que de forma sutil, para outras produções já existente sobre a mesma temática.

É também através desta aproximação do gênero de cunho documental que o autor procura estreitar laços com o grupo mais especializado, aquele que não só aprecia produtos voltados para a temática *true crime*, como também tem conhecimento sobre a vida e crimes de Ted Bundy. Ainda para satisfazer a esse grupo, que já sabe o que esperar da história, o autor procura direcionar o olhar para as nuances da história, com um olhar piedoso e solidário à figura feminina, ao focar na personagem Elizabeth, mostrando as linhas que a prendem a Ted, e a mostrando, de forma sutil, a face obsessiva, manipuladora e narcisista de Ted, que não só é magnetizante, mas também dificulta desmascará-lo.

Outro possível grupo para o qual o autor também se direciona, este com conhecimento diferente dos iniciais já comentados, é aquele interlocutor já cativo do ator que interpreta a personagem Ted Bundy, Zac Efron. Este interlocutor em questão tem noção de quem é o ator e quais foram as produções passadas, e como essa difere do portfólio vasto do ator. O autor, nesse quesito, cativa esse interlocutor pelo contraste, mostrando uma faceta diferente de Ted, e por consequência do ator que o interpreta. Para isso são utilizadas de manobras bem

posicionadas dentro da narrativa que não só atendem às expectativas do público, como a exposição do corpo do ator e cenas românticas entre personagens, que vão ao encontro do que o ator já realizava em outras produções, como também procura-se mostrar a outra face da atuação do ator por meio do suspense criado, em meio ao jogo de culpado ou não culpado. Pode-se dizer ainda que a surpresa durante o momento de revelação para esse grupo é maior, uma vez que orientados pelo conhecimento prévio do ator, apesar de provavelmente esperarem algo distinto, o contraste entre o gênero atual e os anteriores trabalhados pelo ator é explícito, e com a construção da dúvida e tensão ao longo do filme, o efeito surpresa tende a ser maximizado. Além disso, apesar dos mecanismos utilizados para captação desse grupo serem em sua grande parte visuais, atrelados à história, são amplificados pelo discurso verbal. Ou seja, é pelo trabalho conjunto entre os âmbitos verbais, visuais e sonoros que se tem a maximização dos sentidos; enquanto o visual encanta, o verbal convence, e o sonoro amplifica a ambos, construindo assim uma narrativa em que o espectador se mantém imerso, interessado e entretido.

De forma geral, o autor faz escolhas pontuais ao decorrer do longa, para cativar seus diferentes públicos. Esse ato se justifica porque o longa-metragem, por mais que seja material artístico, não deixa de ser um produto comercial, logo, busca acima de tudo a captação não só do público já cativo, mas também do espectador curioso seja pelo tema, pelos atores que contracenam ou o espectador que busca um bom entretenimento. Desta forma, aqui reside a complexidade da produção cinematográfica, o autor faz alterações e inserções na narrativa que possam satisfazer a gregos e troianos, procurando ainda deixar impressa sua visão sobre a temática, de forma que concilie a história que está no passado em formatos interessantes o suficiente para os moldes atuais, sem deixar de lado o fazer construtivo do gênero que rege a história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dialógica do discurso, segundo propostas difundidas pelo Círculo de Bakhtin, permite analisar objetos compostos apenas pelo enunciado concreto, até objetos multissemióticos, em que se faz possível compreender o todo de significado de forma minuciosa. No caso do objeto de estudo deste trabalho, o longa-metragem *Ted Bundy - A Irresistível Face do Mal*, observou-se que o olhar refratado do autor é o que rege a narrativa construída por meios multissemióticos, ou seja, é por meio do trabalho verbal, visual e sonoro que ficam expostos os valores, perspectivas e vozes sociais que o autor tem como propósito para o produto final. Este trabalho do autor é conduzido por intermédio de diálogos para com outras produções de mesma temática, interpolação entre gêneros discursivos durante a narrativa, adequação aos modelos de beleza contemporâneos ao lançamento do filme, perspectiva divergente das já encontradas em produtos de mesma natureza temática e adequações - de enunciado, visuais e de cunho técnico cinematográfico - visando ao pacto contratual com o espectador.

Esse tratamento para com o enunciado sincrético é o que enriquece a narrativa e a torna um objeto multifacetado. Esse trabalho só se faz possível, pois existe como regente da narrativa um autor criador. Autor esse que traz para o foco uma nova perspectiva dentro das já encontradas do mercado, em que não se tem como foco os crimes cometidos por Ted Bundy e o pano de fundo não tem a perspectiva masculina. Neste produto cinematográfico encontra-se um olhar feminino do autor, que se preocupa em trazer para a cena o panorama feminino, aquele que recebe as consequências diretas dos atos da personagem Ted Bundy.

Dentre as personagens utilizadas para manifestar essa nova visão, Elizabeth e Carole são a chave para o projeto do autor para o longa-metragem. Cada qual com seu objetivo específico, elas são também ponto imprescindível para a compreensão da personagem principal, Ted Bundy. É por intermédio delas que o autor expõe o comportamento de múltiplas faces da personagem - “homem de família”, manipulador, amante e assassino. Pode-se dizer que o autor utiliza das personagens para trabalhar de forma explícita as três primeiras facetas, deixando a última implícita ao longo da obra, expondo-a apenas ao final. A primeira é trabalhada em momentos de exposição do “núcleo familiar” de Ted (Elizabeth e Molly) e sua tentativa de estabelecer um relacionamento ora com Elizabeth ora com Carole. Já a segunda é feita de forma mais sutil, em momentos que controla a opinião que Elizabeth tem sobre ele, em que manipula os sentimentos de Carole para que ela fale a seu favor dentro e fora do tribunal e ainda quando usa da atitude galanteadora e de sua boa aparência para controle da

mídia e do público. As cenas românticas e de cunho sexual ficam a cargo de expor a face do amante, enquanto a do assassino é trabalhada de forma subentendida ao longo da narrativa. O autor traz seus valores para a narrativa, através do olhar de Ted para outras mulheres, a reação violenta do cachorro em relação a Ted e a falta de afeto com Carole.

Além do uso das personagens femininas, o autor também usa em seu benefício a existência de produtos já existentes no mercado, traçando paralelos entre obras e contrastando-as. A referência a obras de cunho documental no longa-metragem é feita de forma clara, com a utilização de recortes de reportagens, áudios e a interpretação de cenas inspiradas na realidade, próprias do gênero documentário, o autor procura estabelecer paralelo com a série documental *Conversations with a killer: Ted Bundy Tapes*. A quebra com o gênero documentário é feita por meio do uso de imagens ficcionais enquanto áudios são exibidos ou ainda com a presença do autor em cena. Assim retorna-se o olhar do espectador para o produto ficcional, deixando claro que se trata de uma refração de um determinado discurso e que não tem o compromisso de expor os fatos como são na vida real.

No quesito de direcionamento do espectador, o trabalho com aspectos próprios do meio cinematográfico (como: recorte e foco de cena, filtro de imagem, movimentação de câmera, projeto luminotécnico e sonoro) são utilizados de forma bem direcionada e condizente com o olhar do autor para o produto. O recorte de cena, foco da câmera em conjunto com a iluminação fria, por exemplo, é uma das manobras utilizadas para criar apreensão e tensão nos momentos finais da narrativa em que Ted revela ser o assassino. O corte abrupto de cena, movimentação ágil da câmera e iluminação clara é o que manifesta a aspereza e ausência de afeto para a relação sexual entre Ted e Carole; contrastando diretamente com essa cena, é também por meio desses artifícios que ficam claros o afeto e romance da cena entre Ted e Elizabeth, com tons mais quentes no tratamento de imagem, luz amena e movimento lento da câmera. Utilizando desses mecanismos o autor constrói uma narrativa de vai e vem, em que ora entende-se Ted como culpado, ora como inocente; ora encanta-se por ele, ora sente-se repulsa. Artifícios primordiais também para a construção do gênero longa-metragem de suspense/drama que rege a narrativa.

Tratando-se ainda do conduzir da narrativa, notou-se que o estabelecimento de um pacto contratual com os espectadores era um ponto regente na construção da obra. O foco com o espectador direto do longa se justifica, única e puramente, pela obra ser um produto focado na comercialização, por mais que artístico. Sendo assim, o direcionamento pelo olhar feminino, inclusão de cenas, sobreposição de gêneros e escolha de elenco, são meios que visam cativar, instigar e atrair o interlocutor, seja ele mais ou menos especializado. Esse

movimento também apoia-se na realidade dos discursos, em que todos possuem um destinatário.

É também com esse interlocutor que o autor dialoga quando expõe valores e deixa lacunas na narrativa, fato substancial para a construção da tensão dramática. Os valores são expostos pelo autor pelas vozes sociais que permeiam a narrativa, sejam elas perpetuadas por meios visuais ou verbais, essas vozes cumprem o papel vital de confundir o espectador, entretê-lo no drama, além de trazer verossimilhança para a narrativa. Quanto às lacunas, essas são inevitáveis dentro do gênero de suspense dramático, é só através delas que a suspeita é criada, é por omitir partes do todo que o autor consegue trazer o espanto, dramatização e impacto para a cena final de revelação. Se o autor tivesse preenchido as lacunas de forma imediata, se perderia o efeito da trama e provocaria um distanciamento do propósito ficcional.

À vista disso, observa-se que o verbal, visual e o sonoro se moldam juntos, ora convergindo, ora divergindo, mas sempre amplificando. Ainda que cumprindo o seu propósito de comercialização, o produto final do longa-metragem de suspense dramático é complexo em sua definição, construção e análise. O autor visando trazer à luz o olhar feminino para uma história já contada muitas vezes, refrata-a novamente, desta vez, fazendo um trabalho complexo de diálogo para outros produtos midiáticos de gênero documental, direcionando-se atentamente para seu público consumidor - atendendo-o e surpreendendo-o - e utilizando de artifícios próprios do meio cinematográfico. É por esses meios que o autor constrói o todo da narrativa e o todo da personagem Ted Bundy, mostrando toda a complexidade das suas múltiplas faces labirínticas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF, 2011.

BAKHTINIANA: **Revista de estudos do discurso**. São Paulo: Pontífice Universidade Católica de São Paulo, V. 8, n. 2, 2º sem. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana>> Acesso em: 6 set. 2021.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006

BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009a.

BRAIT, Beth A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1º sem. 2009c. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004>>. Acesso em: 6 set. 2021.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43–66, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 6 set. 2021

DA PALAVRAS à imagem: o diálogo responsivo da obra do diretor Luiz Fernando Carvalho. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1h 56 min). Publicado pelo canal SLOVO - Grupo de Pesquisa do Discurso. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YHQ3mB4ykd8&t=13s>. Acesso em: 1 de set. 2021

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. In: **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

GERALDI, João V. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGE (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso) (Org.). **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos, Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GOETHE, J. W. **Maxims And Reflections**. Trad. E. Stopp. Penguin Classics, 1998.

JOE Berlinger On”Conversations with A killer: The Ted Bundy Tapes”. [S. l.: s. n.] **BUILD Series**. 2019. 1 vídeo (41 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4r45bUV7jmE&list=PL3qdgF4_3ci1FqMxS6JiWArWu0NLrCZ21&index=1&t=1722s. Acesso em: 1 set. 2021

KENDALL, Elizabeth. **The phantom prince**: My life with Ted Bundy. Nova York: Abrams, 2020.

SETOODEH, R. How Zac Efron Came to Play Serial Killer Ted Bundy in ‘Extremely Wicked, Shockingly Evil and Vile’. In: **Variety**. 25 jan. 2019. Disponível em: <https://variety.com/2019/film/news/zac-efron-serial-killer-ted-bundy-extremely-wicked-shockingly-evil-and-vile-1203118523/> . Acesso em: 1 set. 2021

TED Bundy: A irresistível face do mal. Direção de Joe Berlinger. Estados Unidos: Netflix; Voltage Pictures, 2019. (1h 49min)

TED Bundy: A irresistível face do mal. **IMDb**, 2019. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt2481498/?ref_=rvi_tt. Acesso em: 2 set. 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Trad. S. Grillo e V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. S. Grillo e V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. Que é linguagem/língua? *In*: **A palavra na vida e na poesia**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2019[1926] p. 234-265.